

PERFIL DOS USUÁRIOS E A NECESSIDADE DA GESTÃO PARTICIPATIVA PARA O USO PÚBLICO DA MATA DA BIOLOGIA, VIÇOSA, MG

Aline Duarte Batista^{1*}

*Thais Almeida Cardoso Fernandez*²

*Gínia Ceazar Bontempo*³

Natália Lelis Bittencourt^{4*}

*Ita de Oliveira e Silva*⁵

Resumo: Esse trabalho oferece um novo olhar para a Mata da Biologia, maior área verde da região urbana de Viçosa-MG. A Mata está situada no Campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e conta com trilhas sem atenção adequada, fragilizando e limitando o uso público, as atividades de extensão, pesquisa e ensino, além de trazer riscos aos visitantes. Para indicar apontamentos para uma nova forma de gestão da área, o grupo de extensão “Trilheiros do Sauá” realizou um levantamento e analisou o perfil e os motivos dos usuários da Mata nos anos de 2014-2015. Tal análise se torna ainda mais relevante em consequência do fechamento da Mata da Biologia à comunidade durante a semana, em 2017, em virtude de uso e tráfico de drogas na área. No levantamento foram realizadas 100 entrevistas semi-estruturadas, analisadas por meio da estatística descritiva e análise de conteúdo. A problemática se destaca ao identificar que a maioria dos usuários da Mata não era vinculado à UFV, ressaltando a importância da mesma para a população local. Lazer, atividades físicas e contemplação da natureza foram os usos mais relatados para a área. Além disso, conflitos foram identificados: insegurança, presença de lixo, uso de drogas, casos de furtos e obscenidade. Essa análise trouxe importantes subsídios para uma estruturação da gestão da Mata da Biologia. Espera-se que, com essa publicação, a administração da UFV retome a discussão sobre a importância dessa área protegida, possibilitando a gestão participativa e o uso público da mesma.

Palavras Chave: Áreas protegidas urbanas. Conflitos de usos. Espaços públicos.

Esse trabalho é resultado da atuação do grupo de extensão “Trilheiros do Sauá” na Mata da Biologia, área protegida, situada no Campus Viçosa e pertencente à Universidade Federal de Viçosa (UFV), não enquadrando-se em nenhuma das categorias do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). O “Trilheiros do Sauá” está vinculado ao Departamento de Biologia Geral (UFV) e desenvolve atividades de educação e interpretação ambiental desde 2013.

¹ Assistente de Laboratório da UFV. Bolsista PIBEX 2014 e membro do Grupo de Extensão “Trilheiros do Sauá”. E-mail: alinedbatista@gmail.com

² Professora do Departamento de Biologia Geral da UFV. Orientadora no Grupo de Extensão “Trilheiros do Sauá” E-mail: thais.fernandez@ufv.br

³ Professora do Departamento de Biologia Geral da UFV. Coordenadora do Grupo de Extensão “Trilheiros do Sauá” E-mail: ginia@ufv.br

⁴ Licenciada em Ciências Biológicas pela UFV. Bolsista PIBEX 2015 e membro do Grupo de Extensão “Trilheiros do Sauá”. E-mail: natalialelisbittencourt@gmail.com.

⁵ Foi professora na UFV e orientadora no Grupo de Extensão “Trilheiros do Sauá”. Atualmente é professora na UFSB. E-mail: itabio@hotmail.com

*Este trabalho foi desenvolvido com o apoio financeiro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária – PIBEX / UFV.

que possa ter se aproximado disso aconteceu em 2003, durante a criação da via alternativa da UFV (que dá acesso à Avenida Marechal Castelo Branco). Houve a formação de uma comissão composta por professores dos Departamentos de Biologia Vegetal, Biologia Animal e Engenharia Florestal para coordenar e mitigar os problemas ambientais decorrentes da construção da via e, de certo modo, resguardar a Mata da Biologia. Porém, a comissão foi dissolvida gradualmente após o falecimento de um dos membros. Atualmente, as atividades que ocorrem na Mata da Biologia estão subordinadas à Administração da UFV.

Os funcionários que ali trabalham são terceirizados e restringem-se à manutenção do espaço Recanto das Cigarras. Além desses, os vigilantes da UFV são os responsáveis pela abertura e fechamento dos portões da Mata da Biologia para a utilização da mesma.

A problemática vivenciada

O grupo de extensão “Trilheiros do Sauá” atua na Mata da Biologia desde 2013, desenvolvendo, em parceria com professores das escolas da Educação Básica Ensino Básico de Viçosa e região, vivências reflexivas em educação ambiental nas trilhas interpretativas. Desde o início das atividades o grupo observou que a Mata da Biologia encontrava-se sem atenção adequada e sem manejo das trilhas já existentes. Tal situação fragilizava as atividades de extensão, pesquisa e ensino, limitando a utilização da área protegida e trazendo riscos aos visitantes, principalmente para crianças e idosos.

Buckley e Pannell (1990), ao estudarem os impactos gerados pelos visitantes em parques australianos, verificaram que a visitação, quando não planejada, pode gerar impactos negativos como a degradação do ambiente e a descaracterização paisagística, podendo até mesmo acarretar riscos para os próprios visitantes, além de não satisfazer os objetivos educacionais.

Por outro lado, Pedrini e colaboradores (2007) mencionam que a ocupação, quando conduzida de forma adequada, traz diversos benefícios como a valorização e aumento da proteção da área, além da sensibilização ambiental daqueles que a frequentam. Neste contexto, evidenciou-se a necessidade de uma gestão da área que priorizasse a conservação da mesma, para atender aos propósitos de visitação, recreação, pesquisa, ensino e extensão. Por se tratar de uma área com usos potenciais diversos, priorizava-se a proposta de uma gestão participativa, com atuação efetiva dos atores que utilizavam o espaço.

Para garantir a gestão participativa seria necessário a escuta atenta dos usuários da área. Ou seja, prezar pela opinião daqueles que utilizam e se apropriam do espaço, por meio da manifestação e negociação de seus interesses, a fim de se alcançar o respeito e união, numa

mesma direção, valorizando ações que promovam a sustentabilidade local e a mobilização social (JACOBI et al., 2009; POLLI, 2014).

Nesse sentido, percebeu-se a necessidade de conhecer os usuários da Mata da Biologia. Seriam estudantes? Professores? Comunidade? Existiriam organizações formais da comunidade atuando na área? A partir da problemática identificada, inexistência de gestão e desconhecimento do público frequentador, o grupo composto, inicialmente, por estudantes e professores dos Departamentos de Biologia Geral, Biologia Vegetal e Biologia Animal elaboraram dois projetos de extensão, direcionados à Mata da Biologia.

O primeiro, “Integrando 4 paredes e 4 pilastras: uma proposta de formação e educação ambiental na Reserva da Biologia” (RAEX UFV- PRJ-137/2014), destinava-se à formação de monitores e ao planejamento e realização de trilhas interpretativas com estudantes da Educação Básica. O segundo, “Gestão compartilhada da Reserva da Biologia: uma proposta de intervenção socioambiental” (RAEX UFV- PRJ-326/2014), procurava oferecer condições adequadas ao trabalho do primeiro projeto, buscando subsídios para a proposição da gestão compartilhada da Mata da Biologia e de melhorias estruturais para o espaço. A etapa inicial para estruturar a proposta de gestão participativa teve como objetivo conhecer o perfil dos usuários e analisar os tipos de usos da Mata da Biologia. O presente artigo tem como base esse levantamento, realizado nos anos 2014 e 2015, com visitantes da Mata da Biologia.

Em 2016, a partir da análise prévia dos dados desse levantamento, o grupo “Trilheiros do Sauá” apresentou proposições de ações para a implantação da gestão participativa e para a melhoria da estrutura física da área, para a Pró-Reitoria de Administração (PAD) da UFV. Foram realizadas reuniões com a PAD e com a diretoria do Centro de Ciências Biológicas (CCB) com o intuito de solicitar adequações de infraestrutura e a constituição da Comissão Gestora. No entanto, a continuidade das discussões não foi encaminhada pela ausência da definição do órgão responsável pela gestão da área.

Em maio de 2017, o acesso à Mata da Biologia foi fechado ao público de segunda a sexta-feira, em virtude de relatos de uso e tráfico de drogas na área (UFV..., 2017). Nesse contexto, torna-se relevante uma análise aprofundada do levantamento realizado em 2014-2015, considerando a situação de restrição de acesso da comunidade universitária e viçosense à Mata, importante área verde presente no município.

O levantamento do perfil dos visitantes

Como diagnóstico inicial, a fim de identificar os usos, a frequência de visitas ao espaço,

bem como a relação dos visitantes com a UFV, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os usuários da Mata da Biologia. Foram entrevistadas o total de 100 pessoas, durante o segundo semestre de 2014 e primeiro semestre de 2015. As entrevistas foram feitas pelos estagiários e professores membros dos projetos de extensão já citados. Buscou-se variar os dias ao longo da semana, horários e locais de realização das entrevistas, com o objetivo de contemplar diferentes perfis de usuários.

Após o término da aplicação, os dados foram tabelados em planilhas do Excel e analisados, por meio da estatística descritiva (GIL, 1999). Foi realizada também a análise qualitativa das questões abertas, por meio da análise do conteúdo (FRANCO, 2012; MARCONI e LAKATOS, 2009). Os dados obtidos possibilitaram o entendimento do perfil dos usuários da área, bem como seus principais usos, o mapeamento dos conflitos existentes e das demandas dos participantes da pesquisa com relação às ações de gestão, melhoria da infraestrutura e atividades de Educação Ambiental.

Perfil dos usuários e caracterização dos usos

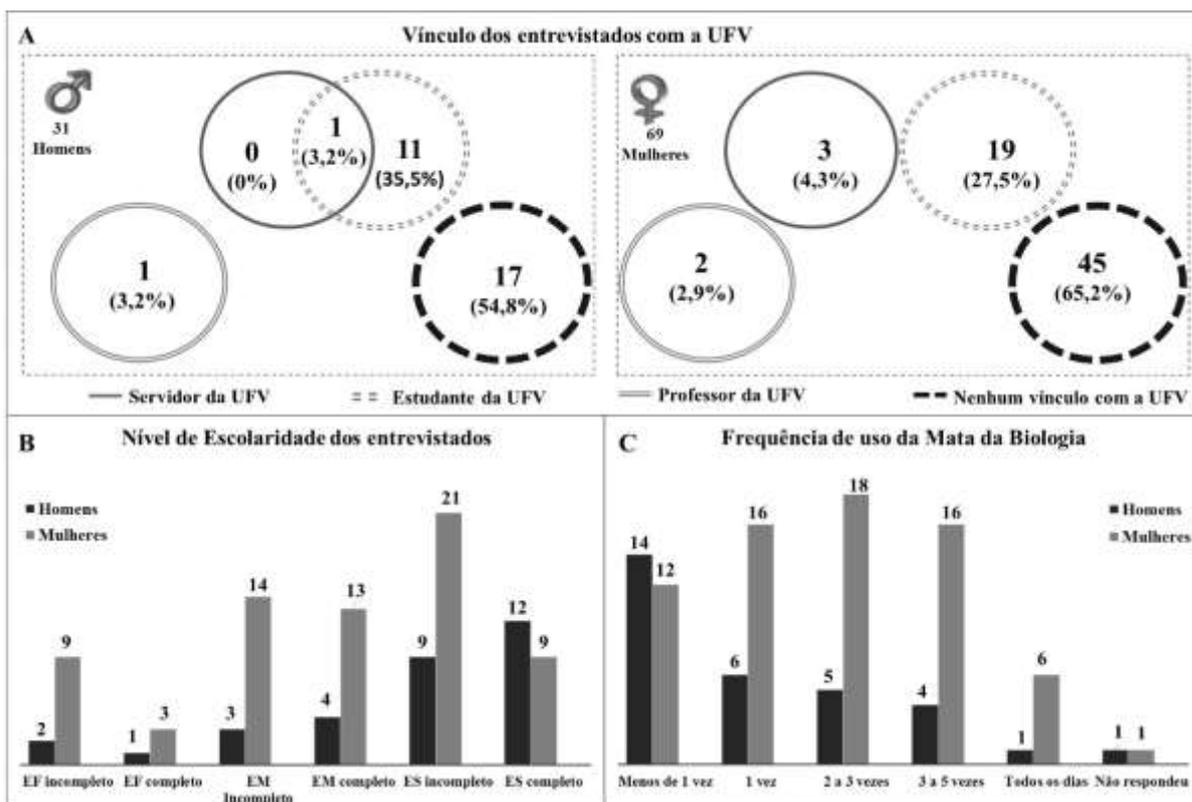
Dos 100 entrevistados, 69 eram mulheres e 31 homens. Esse dado chamou atenção, uma vez que o número de mulheres correspondeu a mais de dois terços do total dos entrevistados. Em decorrência dessa diferença, optou-se por apresentar o perfil de uso da Mata da Biologia em função do sexo. Com relação à idade a maioria dos entrevistados eram adultos, apresentando entre 18 e 59 anos (77%), sendo que 17% tinham entre 15 e 17 anos e 6% declararam ter mais de 60 anos.

Outro resultado de destaque, considerando que a Mata da Biologia pertence à UFV e se encontra dentro do campus, foi o fato da maioria dos entrevistados (62 pessoas) não apresentar vínculo com a universidade (Figura 2). Entre os homens, 54,8% não apresentavam qualquer vínculo com a UFV, enquanto 38,7% deles eram estudantes ou servidores, e 3,2 % eram professores. Entre as mulheres, a porcentagem de usuárias sem vínculo foi ainda maior (65,2%), e o segundo grupo mais frequente foi o de estudantes, com 27,5% (Figura 2A). Esses dados mostram, no período investigado, o elevado uso da área por pessoas não vinculadas à UFV. Número maior que o encontrado em um levantamento anterior, em 2011, em que Silva e colaboradores (2014) detectaram que, àquela época, 58% dos visitantes da Mata, tinham vínculo com a instituição. Em ambos os estudos a porcentagem de visitantes externos à UFV é alto, apontando a importância da área para a comunidade.

Outro aspecto levantado durante as entrevistas foi o nível de escolaridade desses

usuários (Figura 2B) e a frequência de uso do espaço por eles (Figura 2C). A maioria dos homens apresentaram ensino superior completo (38,7%) enquanto a maioria das mulheres apresentaram ensino superior incompleto (30,43%). Quando se analisou a escolaridade do grupo de pessoas que não têm vínculo com a UFV, 58,8% dos homens (10 pessoas) possuíam ensino superior completo, enquanto a maioria das mulheres sem vínculo possuíam ensino médio incompleto (16%, 11 pessoas) ou completo (17,4%, 12 pessoas).

Figura 2: Perfil dos usuários da Mata da Biologia (2014-2015). **A** - Vínculo dos entrevistados com a UFV, **B** - Nível de escolaridade e **C** - Frequência de uso da Mata.



Ao analisar os resultados referente à frequência de uso, observou-se que as mulheres eram o grupo mais assíduo na Mata da Biologia (Figura 2C). Cerca de 80% delas frequentavam a Mata pelo menos uma vez na semana, sendo que 22 dessas mulheres frequentavam o local mais de três vezes na semana. Já entre os homens, 45,2% frequentavam a Mata menos de uma vez por semana e apenas um dos entrevistados declarou ir ao local todos os dias.

A frequência de uso também aponta a Mata da Biologia como um espaço relevante para a população local. Tal importância pode ser justificada considerando a ausência de áreas de lazer de qualidade em Viçosa, como parques públicos ou praças, resultante do crescimento desordenado da cidade e da especulação imobiliária. A grande expansão do município ocorreu

a partir da década de 60, em decorrência, primeiramente de fluxos migratórios da modernização do campo e da crise do café na Zona da Mata e, posteriormente, da federalização da universidade, passando de Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) para Universidade Federal de Viçosa (PAULA, 2013).

Além disso, a Mata da Biologia está em uma localização privilegiada, próxima ao centro da cidade. A intensa verticalização da zona central da cidade, bem como de bairros contíguos ao centro, iniciada na década de 80 (PAULA, 2013), também pode ser um fator que contribui para o uso da Mata da Biologia, considerando sua localização e a necessidade de áreas livres pela população local, em decorrência da habitação em edifícios. PAULA (2013) destaca em seu trabalho que, em 2010, 32,6% da população de Viçosa residia em apartamentos, porcentagem semelhante à grandes cidades como Rio de Janeiro (32,6%) e Florianópolis (32,6%) e superior a Belo Horizonte (28,4%).

Nesse sentido, a Mata da Biologia atende a duas características apontadas por Szeremeta e Zannin (2013) como as mais relevantes para incentivar a utilização de parques ou áreas verdes: beleza da paisagem e a proximidade física do parque ao local de moradia dos usuários. Entre os entrevistados, 43% disseram ir à Mata da Biologia para contemplar a natureza enquanto 39% deles disseram que o principal motivo para a visitar era a sua localização geográfica. Para além da qualidade do ambiente e do equilíbrio ambiental, a presença de vegetação corrobora para uma melhor qualidade de vida e saúde da população citadina (LONDE e MENDES, 2014; LIMA e AMORIM, 2006).

Entre os usos da Mata da Biologia os mais frequentes foram: lazer (54,8% entre os homens e 66,7% entre as mulheres); atividade física (29,0% entre os homens e 49,3% entre as mulheres) e contemplação da natureza (32,2% entre os homens e 47,8% entre as mulheres) (Tabela 1). Esses dados assemelham-se aos coletados por Silva e colaboradores (2014), que identificaram como usos mais frequentes da área as atividades físicas e a contemplação da natureza.

Tabela 1: Atividades realizadas pelos usuários na Mata da Biologia. Os entrevistados puderam optar por mais de uma atividade.

	Atividade física	Lazer	Contemplação da natureza	Pesquisa científica	Outros usos
Homens	9 (29,0%)	17 (54,8%)	10 (32, 2%)	3 (9,7%)	3 (9,7%)
Mulheres	34 (49,3%)	46 (66,7%)	33 (47,8%)	–	3 (4,3%)

As funções ecológicas, estéticas e de lazer das áreas verdes nos ambientes urbanos, minimizam os efeitos negativos da urbanização. As áreas protegidas urbanas oferecem também oportunidades às pessoas de vivenciarem a natureza (LIMA e AMORIM, 2006; LONDE e MENDES, 2014; TRZYNA, 2017). Vários são os estudos que apontam os benefícios para saúde e bem-estar de se frequentar uma área verde (SZEREMETA e ZANNIN, 2013).

Os entrevistados mencionaram a presença de lixo abandonado às margens das trilhas. Além da sujeira e ausência de lixeiras, existem “armadilhas” para aqueles que se aventuram andar por ali. As trilhas não são sinalizadas e apresentam diversos declives além de barreiras físicas como pedras e *pallets* introduzidos sem planejamento por alguns frequentadores do espaço. Muitos são os resquícios de pesquisas científicas abandonados próximos às trilhas, que de certo modo, podem expor os frequentadores a riscos (Figura 3).

Figura 3: Alguns problemas estruturais e indícios de conflitos de uso nas trilhas da Mata da Biologia. **A** - Declive acentuado, não sinalizado e sem apoios na “Trilha das Araucárias”. **B** - Ausência de manutenção e retirada de troncos das trilhas. **C** - Pneu com água acumulada abandonado próximo à trilha, resquício de pesquisa científica realizadas no passado. **D** - Lixo encontrado à margem da “trilha do Sauá”, principal trilha da Mata.



Fonte: A e B: Fotos de Rafael Mendes Teixeira. C e D: Fotos do acervo pessoal das autoras.

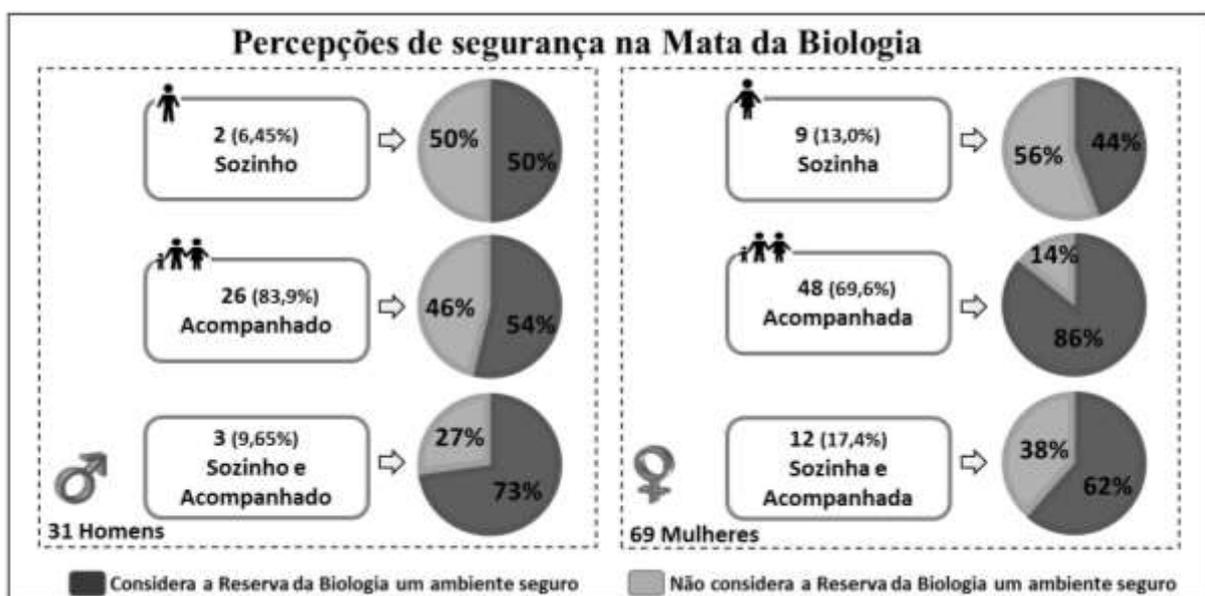
Destaca-se que tão relevante quanto a existência desses espaços, é o planejamento e a gestão que atendam às necessidades dos seus frequentadores (SZEREMETA e ZANNIN, 2013). A má qualidade do ambiente descaracteriza sua função como promotor do bem-estar.

Por isso, garantir a qualidade social e física, priorizando infraestrutura, segurança e facilidades de acesso aumentam a frequência de uso do espaço (SZEREMETA e ZANNIN, 2013). Além dos problemas estruturais das trilhas, outros conflitos de uso foram identificados. Entre eles a alta velocidade com que os veículos trafegam pelas vias asfaltadas e a ausência de redutores de velocidade. Foram relatados ainda a presença de usuários de drogas no local, casos de furtos e obscenidade.

Esses conflitos também foram identificados em outras áreas verdes urbanas. O Parque Nacional da Tijuca (PNJ), por exemplo, é uma unidade de conservação urbana da cidade do Rio de Janeiro (RJ) e sofre continuamente pressões de um crescimento urbano descontrolado. Apesar de oferecer infraestrutura para o turismo, o lazer e a prática de atividades físicas, o parque enfrenta casos graves de criminalidade. Há muitos pontos com assaltos frequentes, casos de “roubos coletivos” a turistas nas trilhas e em pontos turísticos, além do tráfico de drogas que ocorre dentro dos limites da unidade de conservação, junto às comunidades de baixa renda, formada pela urbanização informal (PEIXOTO, IRVING e CAMPHORA, 2008).

No caso da Mata da Biologia, apesar de 56% dos usuários terem considerado a área segura, principalmente por desconhecerem incidentes nesta, a grande maioria dos entrevistados (74 pessoas) frequentava a Mata da Biologia acompanhada de outra(s) pessoa(s) (Figura 4).

Figura 4: Percepção dos entrevistados sobre segurança e utilização ou não de companhia nas atividades realizadas na Mata da Biologia.



Entre as mulheres, apenas nove (13,0%) delas afirmaram visitar o local sozinhas; entre os homens entrevistados, apenas dois (6,45%) frequentavam o espaço sozinhos. Entre os

homens, 51,6% deles consideraram a Mata da Biologia insegura. Entre as mulheres essa porcentagem foi menor, 37,7%; contudo mais da metade (56%) das mulheres que frequentavam o espaço sozinhas consideraram a Mata insegura.

A ausência de funcionários contínuos na Mata da Biologia, bem como a falta de manutenção nas trilhas corroboram para essa percepção de insegurança. Muitos entrevistados sugeriram como alternativas de melhorias a instalação de uma guarita da vigilância da UFV e a retirada de lixo que estão espalhados pelas trilhas e Mata. Na percepção dos entrevistados a presença de vigilantes circulando pelo espaço inibiriam os usos indevidos da área. Essa situação apresentada reforça a necessidade de uma equipe gestora para a Mata da Biologia.

Desdobramentos na gestão da área protegida

Os entrevistados, quando questionados sobre a gestão da Mata da Biologia, tiveram opiniões muito diversificadas, porém algumas categorias se destacaram. A maior parte dos homens (51,6%) e mulheres (68,1%) atribuíram a gestão completa ou parte dela à instituição UFV. Já 38,7% dos homens e 31,9% das mulheres consideraram que os usuários deveriam participar do processo de gestão da Mata da Biologia. Essa categoria traz a ideia de pertencimento e responsabilidade com a área.

A partir do período seguinte ao levantamento, segundo semestre de 2015, houve um acirramento dos conflitos de uso na área. Foram frequentes os relatos de uso e tráfico de drogas dentro do campus da UFV, incluindo o espaço Mata da Biologia (CONSUMO..., 2016). Como estratégia para evitar mais problemas a Administração da UFV optou, em maio de 2017, por fechar a Mata da Biologia durante a semana e manter os portões abertos aos fins de semana, até que um posto de vigilância fosse construído no local e possibilitasse a reabertura dos portões à comunidade (UFV..., 2017). À época do fechamento, não houve nenhuma consulta pública aos usuários da Mata da Biologia, nem mesmo àqueles vinculados à UFV e que desenvolviam atividades de ensino, pesquisa e extensão na área. Até a submissão desse artigo (julho de 2018) a Mata da Biologia ainda permanecia fechada durante a semana, mantendo restrito o uso público do espaço.

As áreas protegidas urbanas estão sujeitas à ocorrência de ações de criminalidade, sobretudo pela desigualdade social vivenciada nas cidades, com grupos marginalizados, em situação de vulnerabilidade social. No contexto de Viçosa, a segregação socioespacial, com a população pobre habitando a periferia da cidade, com menor acesso aos serviços públicos essenciais, é um dos processos estruturantes do espaço urbano, assim como boa parte das cidades brasileiras (SILVA, 2016). Nesse contexto, ao pensar a gestão da Mata é sabido que a

ausência de segurança pode comprometer a integridade dos usuários, sendo assim, fundamentais as medidas de segurança. Outro grupo, 33 pessoas (33% dos entrevistados) associou a participação popular à UFV, ao pensar a gestão da Mata, se aproximando da proposta de gestão participativa sugerida neste trabalho. No entanto, o fechamento da Mata evidenciou a fragilidade de gestão, que ao invés de buscar a aproximação da população, já distanciada pela desigualdade, optou pela restrição de uso. Peixoto et al. (2008) consideram fundamental a necessidade de estabelecer vínculos entre políticas de segurança e de gestão ambiental.

A restrição de acesso da população à Mata, durante a semana, pode interferir diretamente na rede de relações entre universidade e comunidade, historicamente frágeis. Segundo Higgins (2005, p.29) “as relações sociais constituem um patrimônio “não visível”, mas altamente eficaz, a serviço dos sujeitos sociais, sejam estes individuais ou coletivos”. O autor considera que tais relações, denominadas de capital social, são baseadas na reciprocidade e na expectativa de cumprimento mútuo, tendo como motores da ação coletiva a confiança e a cooperação, que em sua inexistência geram a sanção social.

Essa situação pode produzir uma percepção negativa e comprometer a participação social e democrática na proteção da biodiversidade (LOUREIRO e IRVING, 2006). Como mencionado anteriormente, 72% dos entrevistados, faziam visitas frequentes à Mata da Biologia e a maioria delas (71%) visitava o local pela oportunidade de contato com o “verde”.

Outras fragilidades de natureza socioambiental podem surgir. Por exemplo, a interrupção ou comprometimento dos projetos de pesquisa, de educação ambiental e de integração com a comunidade. O que, em última análise, dificulta ainda mais a proposição de projetos e estratégias de gestão efetivas para o enfrentamento dos conflitos.

Para retomada do uso e proposição da gestão participativa da Mata da Biologia, torna-se necessário sensibilizar e mobilizar coletivamente seus usuários. Democratizar a gestão significa permitir a participação de grupos sociais atuantes e frequentadores do espaço, estejam eles momentaneamente em conflito ou em cooperação (LOUREIRO e AZAZIEL, 2006).

Loureiro e Cunha (2008) consideram que a criação de espaços democráticos em áreas protegidas é essencial para a participação e controle social. A cidade de São Paulo tem um exemplo de gestão bem-sucedido em parques urbanos com controle social. Trata-se do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (PEFI), que adotou estratégias de gestão em que as decisões não foram unidirecionais e não partiram somente da instituição gestora (CERATI et al., 2011).

O PEFI, antes da proposta de gestão participativa, enfrentava diversos conflitos, como o descarte de lixo nas áreas do parque, violência e crimes nas áreas de mata, depredações do patrimônio, incêndios criminosos, entre outros. Com a estratégia participativa, a comunidade

do entorno teve suas reivindicações ouvidas, e passou a assumir um papel protagonista na gestão, conquistando o sentimento de pertencimento àquela área protegida e tendo para com ela direito e deveres. Essa perspectiva de gestão gerou uma mudança de atitude (governamental e comunitária), o que culminou no maior uso público da área protegida, com valorização da área, redução do lixo e da criminalidade, maior apoio à proteção ambiental e incentivo à participação social (CERATI et al., 2011).

Nesse sentido, as autoras desse artigo acreditam que as tomadas de decisões acerca do futuro da Mata da Biologia devem envolver os representantes dos grupos de usuários. A (re)abertura da área, associada à implantação de um Conselho Gestor e à construção coletiva de um Plano de Manejo, podem trazer benefícios ao espaço público e à interação da comunidade local e universitária com a Mata. A melhoria das trilhas, da segurança e a participação e envolvimento social poderão acarretar em um aumento no número de pessoas utilizando o local para fins de lazer, contemplação, atividade física, ensino, pesquisa e extensão. Desse modo, o local passará a ser visto como ocupado e não como abandonado, coibindo assim o uso para consumo e tráfico de drogas, principal conflito apontado pela administração da universidade. Além disso, podem ser reconstruídas e ampliadas as relações entre comunidade e universidade, fortalecendo o vínculo e trazendo à tona o objetivo maior de uma universidade pública, o benefício social.

Considerações finais e perspectivas

O levantamento realizado ao longo dos anos de 2014 e 2015 e a análise dele trouxeram importantes subsídios para uma estruturação de gestão da Mata da Biologia. O levantamento apontou os diversos usos dessa área verde para a comunidade local, anteriores às restrições de uso. Além disso, foi possível detectar a importância da Mata da Biologia para a população viçosense, demonstrando como é importante o diálogo da UFV com a comunidade. Foram identificadas diversas fragilidades do espaço tais como: a falta de segurança, precariedade da manutenção das trilhas e a ausência de funcionários contínuos no espaço. O diagnóstico também traz várias possibilidades de ajustes, tanto de infraestrutura como de gerenciamento, propostos pelos usuários.

Nesse sentido, esse trabalho oferece um novo olhar para a gestão da Mata da Biologia, onde as atividades primordiais da Universidade são concretizadas: o ensino, a pesquisa e a extensão. Para tal, é preciso um ajuste fino entre os atores sociais envolvidos, para que um uso não coloque em risco e/ou limite o outro. A aproximação da UFV com a comunidade é fundamental, sobretudo no momento atual, de desvalorização das universidades públicas.

Espera-se, com essa publicação, que a UFV possa retomar a discussão sobre a importância dessa área protegida para a população local e comunidade universitária, possibilitando a estruturação da gestão participativa da área e o retorno do uso público em todos os dias da semana.

Abstrat: This work offers a new look of the Mata da Biologia, the largest forest area in urbanized region of Viçosa-MG. The forest is situated at campus of Federal University of Viçosa (UFV) and presents tracks without adequate attention; weakening and limiting the public use, extension, research and education; and bringing risks to visitors. To indicate appointments for a new form of area management, the extension group "Trilheiros do Sauá" conducted a survey and analysis of Mata User's profile and reasons in the years 2014-2015. This survey becomes more relevant in this time because the Mata da Biologia was closed to community during the working days, because of drug use and trafficking in the area, in 2017. In the survey, 100 semi-structured interviews were performed, analyzed through descriptive statistics and content analysis. Of the 100 interviewees, most were not linked to the UFV. Leisure, physical activities and contemplation of nature were the most reported uses for the area. Furthermore, conflicts were identified: insecurity, presence of garbage, drug use, theft and obscenity. This analysis brought important subsidies for management structure of Mata da Biologia and hopefully, with this publication, the administration of UFV reopen discussion of the importance of this protected area, enabling the participative management of the area and public use of it.

Key Words: Conflict management. Interpretive trails. Public spaces.

REFERÊNCIAS

BUCKLEY, R.; PANNELL, J. Environmental impacts of tourism and recreation in national parks and conservation reserves. **Journal of Tourism Studies** v.1, n.1, p.24–32, 1990.

CERATI, T. M.; MATHEUS, D. R.; SOUZA, A. Q.; BONOMO, M. D. R. Gestão participativa em uma unidade de conservação urbana: a busca de estratégias para conservar o Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil. **Revista InterfaceEHS** - v.6, n.1, 2011.

CONSUMO de drogas na UFV preocupa. **Folha da Mata** [Viçosa-MG]. 24 de novembro de 2016. Acesso em: 19/10/2017. Disponível em: <http://www.folhadamata.com.br/noticia-consumo-de-drogas-na-ufv-preocupa-010?fb_comment_id=1138858696209779_1141526665942982#f1e1adf9137802e>

DIAS, A. S.; FERREIRA JÚNIOR, W. G.; CARMO, F. M. S.; SILVA, A. F. Dinâmica da regeneração natural e a presença de *Coffea arabica* L. influenciando a diversidade de espécies. **Resumo: VII Congresso de Ecologia do Brasil**. Caxambu. 2005.

EPAMIG- EMPRESA DE PESQUISA E AFROPECUÁRIA DE MINAS GERAIS. **Jardim Botânico da ESAV**. Viçosa, MG, [199-?].

FERREIRA JUNIOR, W. G.; SILVA, A. F.; NETO, J. A. A. M.; SCHAEFER, C. E. G.; DIAS, A. S.; IGNÁCIO, M.; MEDEIROS, M. C. M. P. Composição florística da vegetação arbórea de um trecho de floresta estacional semidecídua em Viçosa, Minas Gerais, e espécies de maior ocorrência na região. **Revista Árvore**, v.31, n. 6, 2007.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 4ª ed. Brasília: Liber Livro, 2012. 96p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas 1999. 206p.

GOLFARI, L. **Zoneamento ecológico do estado de Minas Gerais para reflorestamento**. Belo Horizonte: PRODEPEF/ PNUD/ FAO/ IBDF, 65p. (Série técnica, 3) 1975.

HIGGINS, S. S. **Fundamentos teóricos do capital social**. Chapecó: Argos, 2005. 263 p.

JACOBI, P. R.; TRISTÃO, M.; FRANCO, M. I. G. C. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: Participação e engajamento. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 29, n. 77, p. 63-79, 2009. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

LANA, J. M. **Universidade Federal de Viçosa**, Viçosa-MG, 2002. Mapa Geológico. Escala 1:10000.

LIMA, V.; AMORIM, M. C. C. T. A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades. **Revista Formação**, nº13, p. 139-65, 2006.

LONDE, P. R.; MENDES, P. C. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, vol. 10, n.18, p.264-272, 2014.

LOUREIRO, C. F. B.; AZAZIEL, M. Áreas protegidas e “inclusão social”: problematização do paradigma analítico-linear e seu separatismo na gestão ambiental. In: Irving, M. de A. (org.). **Áreas protegidas e inclusão social: construindo novos significados**. Rio de Janeiro: Aquarius, 2006.

LOUREIRO, C. F. B.; CUNHA, C. C. Educação ambiental e gestão participativa de unidades de conservação: elementos para se pensar a sustentabilidade democrática. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, vol.11, n.2, p.237-253, 2008.

LOUREIRO, C. F. B.; IRVING, M. A. **Gestão participativa em unidades de conservação**. Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, Rio de Janeiro, 2006, 27p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7ª ed. – 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. 296p.

PAULA, K. A. **A produção do espaço urbano vertical na zona central de Viçosa – MG, no período 1980-2012**. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2013.

PAULA, A.; SILVA, A. F.; SOUZA, A. L. Alterações florísticas ocorridas num período de quatorze anos na vegetação arbórea de uma floresta estacional semidecidual em Viçosa-MG. **Revista Árvore**, v. 26, n. 6, 2002.

PEDRINI, A. G.; COSTA, C.; NEWTON, T.; MANESCHY, F. S.; SILVA, V. G.; BERCHEZ, F.; SPELTA, L.; GHILARDI, N. P.; ROBIM, M. J. Efeitos ambientais da visitação turística em áreas protegidas marinhas: estudo de caso na piscina natural marinha, Parque Estadual da Ilha Anchieta, Ubatuba, São Paulo, Brasil. **Revista OLAM – Ciência e Tecnologia**, Rio Claro (SP), Vol. 8, n.1, 2007.

PEIXOTO, S.; IRVING, M. A.; CAMPHORA, A. L. Reflexões Sobre a Gestão de Áreas Protegidas em Cenários de Violência Urbana no Contexto do Parque Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro. In: **Anais do V ENANPPAS- Encontro da Associação Nacional da Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade**. Brasília, DF. 2008.

POLLI, A. R. (Org). **Guia do Conselheiro - Gestão Participativa em Unidade de Conservação**. Parque Nacional dos Campos Amazônicos/ICMBio, 2014. 37p.

RAEX: Registro de Atividades de Extensão – PRJ 137/2014- Trilheiros do Sauá: uma proposta de formação e atuação coletiva em educação ambiental na Mata da Biologia. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa. Acesso em: 16/09/2019. Disponível em: <http://www.raex.ufv.br/raex/scripts/consultaPublica.php?consultar=1#menu_topo>

RAEX: Registro de Atividades de Extensão – PRJ 326/2014- Gestão Compartilhada da Reserva da Biologia: uma proposta de intervenção socioambiental. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa. Acesso em: 16/09/2019. Disponível em: <http://www.raex.ufv.br/raex/scripts/consultaPublica.php?consultar=1#menu_topo>

SILVA, M. L. **Expansão da cidade de Viçosa (MG): a dinâmica centro-periferia**. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, ES, 2016.

SILVA, F. F. R.; SILVA, I. O.; BONTEMPO, G. C.; SOUZA, V. B. Perfil dos visitantes e levantamento dos problemas ambientais da Reserva da Biologia, Viçosa - MG. In: III Simpósio Nacional de Áreas Protegidas, 2014, Viçosa. **Anais do III Simpósio Nacional de Áreas Protegidas**. Viçosa, p. 476-482, 2014.

SOUZA, P. P. de. **Moraceae Gaudich. de Viçosa, Minas Gerais, Brasil: florística e anatomia foliar de *Ficus maxiae* Standl**. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Botânica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.

SZEREMETA, B.; ZANNIN, P. H. T. A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades. **Revista Ra'e Ga**, Curitiba, v.29, p.177-193, 2013.

TRZYNA, T. Áreas Protegidas Urbanas: Perfis e diretrizes para melhores práticas. In: **Diretrizes para melhores Práticas para Áreas Protegidas** N. 22, Gland, Suíça: UICN, 2017.

UFV fecha Recanto das Cigarras durante a semana, para se ver livre de marginais. **Folha da Mata** [Viçosa-MG]. 11 de maio de 2017. Acesso em: 19/10/2017. Disponível em: <<http://www.folhadamata.com.br/noticia-ufv-fecha-recanto-das-cigarras-durante-a-semana-para-se-ver-livre-de-marginais-2335>>.

VELOSO, H. P., RANGEL-FILHO, A. L. R., LIMA, J. C. A. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal**. 1ªed. BGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Rio de Janeiro, 1991.